OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1:010

20 DE JANEIRO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

Real Teatro de S. Carlos

OLIVA PETRELLA

Chronica Occidental

Emquanto, lá de fóra, nos chegam noticias, que pouco nos falam de paz e de tranquilidade, novos tremores de terra, que primeiros boatos contavam mais terriveis que o de S. Francisco, anarchistas russos desembarcados nos Estados Unidos, pouca esperança de conciliação entre o Vaticano e o governo francez, emquanto muito pouco de céo azul verte sua doce luz sobre o mundo quasi inteiro, nós aqui, n'umas ferias que não deixaram de vir a proposito, gosamos á nossa vontade os dias mais lindos—lindos demais até, segundo alguns lavradores—que o inverno dos paizes do sul guarda em seu thesoiro de maravilhas.

Até a politica rabujenta parece ter andado melhorsinha dos nervos estes ultimos dias, e o que mais agora preoccupa Lisboa é o formoso espectaculo que as tropas da capital lhe preparam para ámanhã, quando o OCCIDENTE deve sahir a publico.

Depois de algumas hesitações sobre a escolha do local em que devia realisar-se o juramento de bandeiras e a missa campal, foi decidido que a imponente cerimonia se effectuasse no antigo hippodromo de Pedrouços, um dos mais bellos logares dos arredores de Lisboa, pela excellente vista que d'elle se gosa sobre o Tejo avistando até á barra.

Despovoar-se-ha Lisboa n'essa manhã.

O commando das forças estará a cargo do sr. general Craveiro Lopes, figurando em parada, além de toda a guarnição de Lisboa, os alumnos das Escolas do exercito e da armada. Passar-lhes-ha revista El-rei, acompanhado por seu estado maior, composto d'uns cincoenta ou sessenta officiaes.

Resará a missa o capellão mais antigo da guarnição, sr. Silva Leitão e, logo depois, será feita pelos recrutas a ratificação do juramento.

Referiu-se no ultimo numero o OCCIDENTE ao facto do principe, o sr. D. Luiz Filippe, ter levado a bandeira de lanceiros 2, quando da abertura das côrtes. D'esta vez estreia-se como porta estandarte o infante sr. D. Manuel, que acompanhará os alumnos da Escola naval.

O Principe real, que ha dias soffreu uma queda de cavallo, quando fazia exercicios de salto no picadeiro das Necessidades, já se acha completamente restabelecido, tendo já sahido a passeio, com auctorisação do medico assistente, sr. D. Antonio de Lencastre. O caso havia assustado bastante, porque o sr. D. Luiz Filippe ficára sob o cavallo, com os sentidos perdidos e dois fios de sangue, caiam-lhe do nariz e da bocca; mas nenhuma lesão de gravidade o provocou e simplesmente um ligeiro ferimento na lingua. Ao paço correu muita gente a informar-se do doente e poude Sua Alteza conhecer então as muitas sympathias que inspira.

E' natural que no domingo já possa novamente tomar conta da bandeira do seu regimento, pelo que muito sinceramente esta revista junta as suas felicitações ás muitas que acolheram a boa noticia do prompto restabelecimento do sr. D. Luiz Filippe.

Terça-feira é dia santo e muitos deputados provincianos desejam sahir no sabbado de Lisboa, onde só voltarão na quarta-feira. Segunda, naturalmente não haverá camaras. E assim teremos mais um intervallo obrigatorio nas discussões politicas, de que a annunciada missa tem distrahido o publico.

Estamos em vesperas de carnaval; já por todas essas lojas, ás portas, penduradas como cabeças de criminosos mandados decapitar, as grandes caraças reclamos se baloiçam á aragem fria, e compactos annuncios offerecem nos jornaes todos os incommodos objectos carnavalescos: cegaregas que fazem bulha, pós que sujam, confeitos que doem. Mas deixal-o, tudo é divertimento, e é facto que os ultimos entrudos perderam muito da sua antiga brutalidade.

Já os theatros annunciam os bailes de mascaras e vão tratando do adorno das salas. Muitos annos acontece que o baile de mascaras é o grande equilibrio das casas um tanto arruinadas pela arte que não deu; mas este anno as empresas todas tem andado com mais ou menos sorte.

Em D. Amelia e Trindade, os arranjos de Eduardo Garrido parece terem sido assaz favoraveis á bilheteira. No theatro do Principe Real o dramalhão velhissimo que foi o assombro de nossos avós, *Templo de Salomão*, rejuvenescido

agora ás mãos habilidosas de Maximiliano de Azevedo, tem dado casões ao empresario.

O tempo tem corrido favoravel aos originaes portuguezes. Na theatro de D. Amelia foi muito applaudida um *lever de rideau*, em verso, *Eterna fabula*, de Faria Machado, e no theatro da Avenida, a revista *Favas contadas*, escripta com muita graça por Camara Lima e com muita graça desempenhada por José Ricardo e a sua companhia, tem dado successivas enchentes.

Na quarta-feira, 16, realisou-se no theatro de D. Maria a decima quinta recita do drama *Affonso de Albuquerque*. Uma formidavel enchente e enthusiasticos applausos. Vimos um grande grupo de officiaes de marinha, e entre elles o Conselheiro Ferreira do Amaral, entrarem no palco e abraçarem commovidamente Lopes de Mendonça. Uma linda festa que deixou ao querido poeta memorias gratissimas.

Por muito mal que a gente queira dizer do mundo, de quando em quando, encontra alguma coisa que nos consola. A justiça agora feita ao talento de Lopes de Mendonça, e não só ao talento, mas tambem ás optimas qualidades de seu coração, tão sincero em seu patriotismo, faz-nos por momentos esquecer muita indifferença com que por ahi são tratados homens que trabalham e eram dignos tambem de que se lhes fizesse justiça.

Fazer justiça! Justiça dos homens! Quanta vez estas tres palavras são synonimo de crueldade! E é por isso que tão applaudida vêmos a idéa do sr. José de Arruella para conseguir o perdão dos marinheiros condemnados pelos ultimos conselhos de guerra por motivo de revolta.

Muitos donos de estabelecimentos de Lisboa e da provincia se offereceram para ter em sua casa listas, que breve se encheram de assignaturas para subscrever a petição. A imprensa tem ajudado este bello movimento de piedade e não quer o OCCIDENTE deixar de associar-se a tão sympathico movimento, lembrando que a melhor justiça é aquella que se chama misericordia.

A favor das cinco criancinhas, agora orphãs de mãe e a quem o pae no degredo não póde decerto valer, moveu-se a compaixão do publico que logo correu a soccorrel-as. Até n'uma reunião da classe dos manipuladores de pão, que de tantos interesses pessoaes teem agora a tratar, as pobres criaturinhas foram lembradas e logo uma subscripção foi aberta em seu favor, idéa applaudida com enthusiasmo pela assembléa toda.

A victoria do sr. José de Arruella n'este seu empenho levará grande jubilo a muitos corações e não só áquelles que uma funda saudade punge, muito longe da patria e de entes muito queridos.

D'esta vez é que, sem duvida, a imprensa portugueza tem sabido desempenhar o seu papel.

Nem tudo pódem ser festas, mas que grande festa vai talvez fazer-se um dia d'estes!

E com essa esperança na alma, deixamos o assumpto e, já que outros, melhores que os já tratados, não encontrammos nos jornaes portuguezes, respiguemos alguma noticia de estrondo pelo estrangeiro.

Nada como a estreia dos Principes de Broglie n'um café concerto de Londres. O rapaz casou contra vontade do pae, este retirou-lhe a mesada e elle procurou vida. Ella era cantora, elle tocava piano; um café concerto abriu-lhe as portas, e lá estão agora os dois contractados por quatro contos de reis por semana para se exhibirem n'um music-hall de Paris! Cheira a exploração de escandalo. Será ella uma Patti? Será elle um Paderewski? Se acceitarem, quem deve ter razão é o pae tyranno.

Nem toda a maneira de juntar dinheiro é honesta, ainda que seja fóra do roubo. Quatro contos de réis semanaes parece-nos exagêro; não fosse o moço um principe, nem talvez duas libras lhe dessem. Explorar por tal forma a indignação paterna, talvez lhe acarrete alguma duzia de batatas, o que não seria, nem mesmo em Paris, um caso raro.

O dinheiro, seja como fôr!... O *Seculo* já todos os dias traz uma secção com o titulo *Gatunagem em Lisboa*. Já nem a typographia desmancha as letras. Se publicasse outro com o titulo de *Espertezas*, então veriamos quantos ladrões andam por ahi. E para terminar, reproduziremos uma anecdota ha dias lida n'um jornal.

Fallava um homem da alliança que fizera com um capitalista. E gabava-se.

— Elle tinha o dinheiro e eu tinha a pratica.

— E agora? perguntaram-lhe.

— Agora elle tem a pratica e quem tem o dinheiro sou eu.

Tão epico que merecia Limoeiro!

JOÃO DA CAMARA.

REAL THEATRO DE S. CARLOS

OLIVA PETRELLA

O nome d'esta gentil cantora que faz parte da companhia que actualmente funciona no Real Teatro de S. Carlos, recorda o de seu avô o celebre maestro Enrico Petrella, que viveu de 1813 a 1877, compositor de grande fecundidade, que assimilou os processos da evolução musical do seu tempo, produzindo obras de certo valor tanto no genero comico como no dramatico. Das melhores citam-se naquelle genero *Precauzione*, e neste *Ione*, alem de *Promessi Sposi* e de *Marco Visconti* e *Assedio di Leide*, que foram representadas em S. Carlos e tanto figuraram como trechos de estudo nas nossas escolas musicaes, e por ventura ainda figuram nas estantes dos nossos amadores e entre as provas difficeis que é dado apresentar nas *soirées* dos nossos aristocraticos salões.

Oliva Petrella tem, pois, um nome herdado.

Nascida em Teramo um anno depois da morte do seu illustre antecessor fez depois os seus estudos na academia de Santa Cecilia em Roma, onde obteve o seu diploma de honra, aperfeiçoando-se na arte de scena em Milão com o maestro Francesco Mottino. Debutou em 1901 no teatro *Fenice* de Veneza na opera *Tannhäuser* ao lado de Kaschmann.

Precorreu então successivamente os teatros de Asti, Messina, Turim, Lugo, Napoles, Ferrara, Rimini, Cesena, Bolonha, Genova, Verona, Catania, Bari, Trieste, Varsovia, California, revelando as suas aptidões para a scena lyrica nas operas *Tosca*, *Ernani*, *Mefistofeles*, *Fedora*, *Ruy Blas*, *Missa de Verdi*, *Trovador*, *Aida*, *Africana*, *Chenier*, *Siberia*, *Germania*, *Baile de Mascaras*, *Cavallaria Rusticana*, *Nozze Istriane*, *Huguenotes*, *Africana*, *Otello*, *Norma*. São mais do seu reportorio as operas *D. Carlos*, *Gioconda*, *Dannazione di Faust*, *Griselda*.

Escripturada para a actual estação do teatro real de Madrid ahi executou com agrado o *Trovador* e a *Africana*, até 12 de dezembro em que partiu para Lisboa, onde se demorará até 13 de Fevereiro proximo, voltando depois a Madrid a completar a sua estação até 3 de Março.

Aqui em S. Carlos a vimos agora representar nas operas *Otello* e *Tosca* com o relativo successo que a imprensa tem registrado. Foi nesta ultima opera, uma das suas predilectas, que ella teve exito clamoroso logo no começo da sua carreira em Abril de 1902, no *Vittorio Emmanuele* de Turim, cantando-a por muitas vezes e recebendo applausos continuos na celebre romanza *Vissi d'art*.

Sobre as suas qualidades artisticas a proposito da execução do *Trovador* diz um jornal de Madrid *La Publicidad* de 4 de dezembro ultimo.

«La debutante es joven, de agraciado rostro, «de ojos vivos y expresivos, de esbelta figura y «de noble continente. Como cantante hemos po-«dido comprender por la ejecución de esta obra, «que tiene una verdadera voz de soprano dramá-«tico en color y en extension. Una perfecta escuela «de canto le permite emitir con facilidad sin es-«fuerzo di ninguna clase y atacando los agudos «con seguridad y perfecta entonación. Sus graves «son hermosos y aunque su voz es llena y pastosa, «tiene el dominio de ella y la agilidad necesaria «para ejecutar la cadencia de la cavatina con «toda limpieza, y destacando bien las notas las «unas de las otras como Dios y el arte mandan. «Como artista su declamación se adapta al perso-«naje que representa; une la acción á la palabra, «y sabe subrayar la frase con la mirada, el gesto «y el ademán. Su gran corazón, su temperamento «artistico la hacen colocarse en situación en qual-«quier momento. El momento que más nos com-«plació fué el andante del *Miserere*, que dicho «con intensa expresión dramática».

Tal é a artista que apresentamos: uma radiante promessa para a Arte e para a sua gloriosa patria.

LEANDRO DE MELLO

Propaganda de Portugal

O GRANDE HOTEL DO BUSSACO

O edificio — O Menestrel

Desde que a antiga serra de *Alcoba* se transformara, graças á energia perseverante da ordem religiosa que a arborisou, na pittoresca matta do *Bussaco*; desde que as hostes de Napoleão viram ali empanar-se o brilho dos louros das anteriores victorias; e desde, emfim, que as facilidades de communicações permittiram a visita mais frequente d'aquelles celebres logares, que o Bussaco se tornou um ponto obrigatorio de excursões, de reunião de forasteiros e de *touristes*, que não veem a Portugal só para ver a decantada Cintra e a Boca do Inferno.

Com a affluencia dos visitantes, multiplicaram-se os hoteis na visinha povoação do Luso, mas todos reconheciam a falta d'um estabelecimento d'este genero dentro da propria floresta.

Dos esforços individuaes que se colligaram para realisar esta obra, é licito destacar alguns nomes: Ernesto de Lacerda, administrador da matta, ao qual se deve esta iniciativa; o scenographo Manini, que elaborou o projecto; e o ministro Emygdio Navarro que ordenou a construcção.

Começaram as obras em novembro de 1888 e duraram até 30 de junho de 1891. Por despacho ministerial de 21 de julho d'esse anno, foram entregues estes trabalhos á direcção das Obras Publicas de Aveiro, que no mesmo anno os suspendeu. Em virtude da portaria do ministerio das Obras Publicas de 28 de julho de 1894, ficou auctorisada a continuação das obras, sendo novamente confiada a sua superintendencia ao administrador da matta do Bussaco. Começou logo a construir-se o gigante da torre e a galeria.

O edificio, que é no estylo gothico-manuelino, consta de tres pavimentos e cave, onde fica a cozinha. No rez-do-chão ha o grande vestibulo da entrada, escritorio, escadas, nobre e de serviço, sala para baile, gabinete de leitura, etc. Os outros pavimentos e a torre são divididos em mais de 50 quartos.

O formosissimo edificio assenta bem com a sua cantaria florida no fundo d'aquelle arvoredo secular.

O interior corresponde ao exterior. Muitos dos nossos artistas teem ali collaborado, com os primores das suas boas artes. Ainda agora, Costa Motta, o laureado esculptor, contribue com a sua inspirada estatua *O Menestrel*, destinada ao salão das festas.

O sumptuoso hotel bem póde continuar a ser indicado pela Propaganda de Portugal aos visitantes extrangeiros, que se destinam ao Bussaco, pois que o actual arrendatario, reconhece bem que — *noblesse oblige* — e o tratamento que dispensa aos seus hospedes corresponde dignamente ao que d'elle se esperava, como de um cioso amigo das bellezas do nosso país.

OS XAS DA PERSIA

Monzaffer-ed-Dine e Mohamed Ali-Mirza

Na extensa lista das suas dinastias, conta mais um soberano o reino da Persia. Em 8 do corrente faleceu na cidade de Teheram, capital do estado, o Xá Monzaffer-ed-Dine, Kadjar, que desde ha tempos estava gravemente doente. Contava 54 annos incompletos de edade, pois nascera a 25 de março de 1853. Havia alguns annos que este monarca asiatico attraia as atenções do mundo civilisado, devido ás suas tendencias liberaes e propicias á democratisação do seu reino.

O soberano persa, apezar de descendente d'uma dinastia despotica, implantara no seu país o regimen representativo, que, embora restricto a condições pouco avançadas, representa um enorme progresso politico comparado com o regimen anterior. O falecido Xá era cavalleiro da ordem da Aguia Negra, do Tosão de Ouro, da Jarreteira, da Annunciada e d'outras ordens geralmente só concedidas a principes.

Pelo falecimento de Monzaffer-ed-Dine, subiu ao trono o novo Xá, seu filho, Mohamed Ali-Mirza, que nasceu em 21 de junho de 1872, contando, portanto, 35 annos incompletos. A coroação deve realisar-se no dia 2 de fevereiro proximo. Este principe foi educado á europeia, mas isso não será o bastante para que se inspire na civilisação do occidente e que procure implantal-a no seu país.

Mohamed Ali-Mirza tem 16 irmãos, sendo 11 princesas e 5 principes. A fortuna deixada por seu pae está calculada em doze mil contos, e o espolio é constituido, na maior parte, de joias de grande valor, merecimento e celebridade. São notaveis o trono recamado de pedras preciosas e o grande diamante denominado *Oceano de Luz* (*Ko-in-noor*).

O reino da Persia occupa actualmente os dois terços do planalto do Iran, entre 25 e 38 graus de latitude N. e 42 e 60 de longitude E. Tem de

superficie cerca de 1.645 kilometros quadrados, com uma população de nove milhões.

E' um estado independente, governado pelo Xá, cujo poder é absoluto. Herdeiro do trono de Dario, usa o monarca os mais pomposos titulos; mas a sua dinastia, de origem turca, é apenas tolerada pelos persas-xitas para os quaes o trono é só devido aos duscendentes de Alli. Alem d'isso, o Xá está sujeito ás influencias russas, que cada vez mais se implantam na Persia. O seu poder é limitado pelas regras estabelecidas pelo Corão e pela influencia do alto clero. O trono é hereditario na familia dos Kadjars. Um conselho de ministros (*vizirs*) escolhidos pelo Xá dirige os negocios, que estão divididos em nove pastas: negocios estrangeiros, finanças, interior, justiça, côrte e alfandegas, imprensa, artes e officios, instrução e comercio. O reino está dividido em vinte governos administrados por governadores, na sua maior parte membros da familia real, que teem sob as suas ordens sub-governadores, commandantes de policia e administradores. A instrução é livre e independente do estado, sendo numerosas as escolas primarias, onde apenas se ensina o Corão e a escrita. O ensino superior é ministrado em colegios ricos. Nelles se ensinam a teologia, filosofia, astronomia e algebra. Ha poucos annos fundou-se um Colegio Real, com um corpo docente estrangeiro. O exercito segue os regulamentos russos; compõe-se de tropas regulares e irregulares. As primeiras dividem-se em infanteria, artilharia e cavalaria, havendo 84 batalhões de infanteria com 800 homens cada um.

*

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO III

SUMARIO

El-rei D João V e o fausto liturgico — Rehabilitação possivel deste monarca — Regios beneficios para a Real Capela — A colegiada de S Thomé e o vestuario luxuoso dos conegos e beneficiados — A ereção da Capela Real em Catedral Metropolitana e Patriarcal — Comemoração festiva nos Caetanos — Dois sonetos de Thomás Pinto Brandão — A Sé em S. Francisco da Cidade — O primeiro Patriarca de Lisboa — Sua entrada solene na capital — Pensa-se em edificar uma igreja patriarcal — Divergem as opiniões quanto ao local — E' posto de parte o projecto — A Patriarcal na ermida de S. Joaquim, ao Calvario — Pensa-se outra vez na edificação do templo — A igreja do Menino Deus, o Convento dos Loios e o mosteiro de S. Bento da Saude — E' preferido o Alto da Cotovia — Principiam as obras — Uma reclamação dos jesuitas — Construe-se finalmente o templo — Sua descripção — Arde a Patriarcal — E' transferida para S. Bento — Novo incendio — Descobre-se o incendiario — Sentença e execução de Alexandre Franco Vicente — A Patriarcal queimada.

Em 16 de junho de 1756 foi inaugurada, no mesmo local das obras do Conde de Tarouca, uma nova edificação — a Basilica Patriarchal. N'um altar improvisado em uma barraca de ocasião disse Monsenhor Perry de Linde a primeira missa e nesse mesmo dia começaram ahi os oficios devotos emquanto se não concluia a projectada igreja.

Antes, porem, que tal se levasse a efeito muitas coisas succederam que é mister não occultar. Abra-se portanto um parentesis e remontemos outra vez aos tempos aureos do senhor D. João V, buscando na sumptuosa Capela Real os germens da estupenda Basilica de efemera existencia.

*

Logo três annos depois da sua elevação ao trono principiou aquelle monárca, diz-nos o Padre Baptista de Castro, a manifestar as suas tendencias liberaes para as coisas religiosas o que mais tarde degenerou n'uma verdadeira mania, consumindo-se muita vez inutil e esterilmente os grossos cabedaes que o Brasil nos fornecia. Era este o grande defeito desse rei cuja rehabilitação, em dias de mais justa critica, me parece possivel ainda; defeito devido em grande parte á influencia da côrte de França cuja grandiosidade quis imitar, aos louvaminheiros da época que o aplaudiam incitando-o a essa imitação e á absurda sociedade que o rodeou e em que viveu. D. João V, sem estas nefastas influencias, seria talvez o melhor soberano da dinastia bragantina.

Em todo o seu reinado não se lhe aponta um acto de crueldade e um só que esteve para executar, falharia decerto por fraqueza, mesmo que uma visita inesperada lh'o não obstasse, (1) ao passo que da sua natural bondade são inumeras as citações dos historiadores e monografos do tempo. N'uma sociedade e n'uma época em que o preconceito religioso sobrelevava todos os outros preconceitos e em que metade dos burguêses e todos os fidalgos tinham uma freira para celebrar em verso e amar em prosa, não era muito de espantar que o primeiro de todos os fidalgos obedecesse, mais do que nenhum, a esse preconceito e em vez de uma freira tivesse duas.

Era esse o espirito da época. El-rei D. João V a não ser assim seria um excelente rei para os vindouros, um monárca perfeito para a posteridade, mas não passaria de um soberano mediocre para a primeira metade do seculo XVIII.

Luis XIV deixava-o a perder de vista em materia amatoria e não deixou por isso de ser um grande rei. O que faltou ao quinto João foi um ministro da estôfa do marquês de Pombal, porque nem Alexandre de Gusmão nem os outros tinham a energia precisa para destruir preconceitos e limitavam-se a criticar o rei á boca pequena. Eram cortezãos em demasia. Se Sebastião José de Carvalho tivesse nascido alguns annos mais cedo, o pais teria talvez usofruido os mesmos beneficios de administração sem se deshonrar no sangue dos Tavoras.

Em nenhum outro periodo da nossa historia fomos tão respeitados lá fóra. Até então as côrtes estrangeiras tratavam-nos com sobranceria. As regias instruções que os nossos diplomatas e embaixadores recebiam, vedavam em absoluto qualquer tentativa de menospreço.

As artes, as sciencias e as letras floresceram notavelmente. No decorrer destes apontamentos haverá ocasião de apreciar o seu desenvolvimento.

Portugal habituado a tantos perdões historicos, mais tarde ou mais cedo hade perdoar-lhe tambem. Se ha historia em que a agua benta da critica benevola seja frequentemente esparzida é a nossa; e verdade, verdade o rigor da posteridade para com o magnanimo rei é, alem de incoherente, um todo-nada injusto.

*

A serie de beneficios feitos á Capella Real, já por muito conhecidos, já por muito numerosos, dispensam-me maior insistencia no assumpto.

A bulla do papa Clemente XI augmentando-lhe a jurisdição com o fôro de colegiada da invocação do apostolo São Thomé, e instituindo-lhe mais 6 dignidades, 18 conegos e 12 beneficiados, alem de outros ministros subordinados ao capelão mór, veio tambem doirar o sonho luxuoso do monárca, permitindo que os conegos pudessem trazer sobre o roquete capa magna roxa com capelo forrado de pelles (de arminho branco no inverno e de sêda encarnada no verão) e que os beneficiados usassem a mesma capa com capelo forrado de pelle cinzenta ou de seda roxa, tambem conforme as estações.

Nova bulla, expedida em 7 de novembro de 1716, tornou ainda maior o esplendor e o fausto da liturgia portuguêsa. A Capela Real foi erecta em Catedral Metropolitana e Patriarcal, com a invocação de Nossa Senhora da Assumpção e a cidade dividida em duas metropoles com governos distintos sob as denominações de Lisboa Occidental e de Lisboa Oriental. Nomeou el-rei para Patriarca de Lisboa Occidental, a quem conseguira o privilegio de andar vestido de purpura como o arcebisqo Salisburguense, primás da Alemanha, a D. Thomás de Almeida, da ilustre casa de Avintes que então era Bispo do Porto. E para que a sua jurisdição fôsse total, tornou a unir as duas cidades e poz como metropole uma só igreja patriarcal. Não contente com isto, ainda obteve de Roma que lhe fossem concedidas as honras de Cardeal e o respectivo tratamento e para que aquella lhe fosse propria e fixa, fez com que o papa Clemente XII estabelecesse que o prelado preconisado Patriarca de Lisbôa lhe fôsse dado o barrete cardinalicio no consistorio seguinte. (2)

Toda cidade festejou com desusadas pompas a ereção da Capela Real em Catedral Metropolitana. A casa dos Theatinos nos Caetanos, por exemplo, celebrou tal facto com grande luzimento durante três dias orando nellas o Rev.º Padre Bluteau. A igreja resplandecia de lumes e de adornos. Os musicos, cantores e instrumentistas da Capela Real encheram de melodias as naves austeras do templo. (1)

Tambem não passou despercebida ao éstro facilmente inflamavel de Thomás Pinto Brandão, a honra que a Curia Romana nos concedera. No seu *Pinto Renascido Empenado e Desempenado*, impresso em 1742, lá dedica a paginas 17 um soneto a este assumpto, feito pelas consoantes do celebre soneto de Francisco Rodrigues Lobo, que começa:

«Formoso Tejo meu, quão diferente»

e que elle parodia:

«Formosa minha Sé, quão diferente»

Quando foi da divisão do Patriarcado, Thomás Pinto botou tambem o soneto que se segue:

> Que será isto? Os sinos com enleyo!
> O povo com noticias que especulla!
> A nobreza com vivas que articulla!
> A Sé nova, logrando a velha em cheio!
>
> (Lembre-me Deus em bem) He que já veio
> O postilhão que corre, vôa e pulla,
> Com essa desejada breve bulla
> Que parte a Sé antiga pelo meio:
>
> Na Sé da côrte, Sua Santidade,
> Certo que tem obrado maravilhas
> Na mudança que fez á da cidade;
>
> Mas accomodou ambas como filhas
> Pondo a velha na rua da Ametada;
> E a nova, bem na Rosa das Partilhas.

O tercetto final é uma charada do almanaque de Lembranças. Não me parece que o poeta buscasse sem razão um trocadilho insulso para fecho do soneto. O que me bacoreja da leitura atenta dos versos é que ha ali uma manifesta alusão, com aproveitamento do trocadilho, a colocação das duas Sés. Avigora esta hipotese o facto de n'uma vista-planta de origem inglêsa e coéva dos acontecimentos, coincidir a numeração da rubrica que se refere á Sé com a numeração que indica na vista o convento e egreja de S. Francisco. Ora esta ficava exactamente na rua da Ametade, o que me leva a formular a seguinte pregunta: Estaria alguma vez a Sé alojáda em S. Francisco da Cidade?

E' possivel e provavel. Agora quanto á rua da Rosa das Pastilhas é que nada sei. Ahi é que está a charada. Mate-a quem poder.

*

Dom Thomás de Almeida fez a sua entrada em Lisbôa com grande e solemne sumptuosidade no dia 13 de Janeiro de 1717.

Formou-se o cortejo em S. Sebastião da Pedreira, onde toda a nobreza da côrte o estava esperando. O luzido cortejo, cujo explendor asiatico Ribeiro Guimarães tão bem descreveu no *Summario de Varia Historia* e de que Frei Claudio da Conceição, o auctor do mappa de Portugal e outros nos deixaram larga memoria, seguiu pela rua de Santa Marta, onde o cardeal se apeou para tomar a capa consistorial, até ás Portas de Santo Antão onde estava erguido um altar. Aqui, deixada a capa, revestiu-se de pontifical, mitra de tela branca e capa e montou n'uma mula russa coberta com uma gualdrapa do mesmo tecido, levada á redea pelo conde de Avintes, seu irmão. Ao entrar as portas foi recebido sob um palio de tela preciosa pelos vereadores do senado e assim, entre as alas que formava a tropa e o povo, chegou á Basilica Patriarcal, terminando a festa com um solemne *Te-Deum*. (2)

O coche em que D. Thomaz veiu de S. Sebastião até ás portas, era de veludo carmezim agaloado de oiro e tendo na parte interna do tejadilho o Espirito Santo fabricado do mesmo metal. Os cocheiros traziam vestias encarnadas tecidas de oiro, calções largos e por cima da vestia outra de mangas pendidas com cachos de oiro nos hombros, volta bordada, longas cabeleiras, botas vermelhas e as joelheiras ornadas de rendas.

A seguir ao coche vinha a liteira de estado e mais 4 coches conduzindo os familiares do cardeal puchados cada um por 6 cavallos russos, ricamente ajaezados, levados á redea por outros tantos creados. Seguiam os coches 24 creados de sala, vestidos de roxo, guarnecidos e agaloados de passamanarias de veludo carmezim, levando por cima umas capas compridas do mesmo pano, cabeleiras grandes e soltas.

Depois vinham os cavalhariços de vestias de

---

(1) Alberto Pimentel, no seu livro *As amantes de D. João V*, trata este assumpto, referindo-se á *Flôr da Murta*, uma das muitas apaixonadas do soberano.

(2) Mappa de Portugal, pelo Padre João Baptista de Castro, volume 3.º, pag. 107 e seguintes.

(1) Lisbôa Antiga de Julio de Castilho, volume 3.º, pag. 264

(2) Gabinete Historico, por Frei Claudio da Conceição.

Propaganda de Portugal

pano roxo e meias encarnadas e mais dois criados que acompanhavam o cruciferario, um a cada estribo da mula branca, um estribeiro e um veador.

Tal era a pompa com que o Patriarca de Lisboa deslumbrava os olhos do magnificente monarca. (1)

*

Os rendimentos e honras que D. João V conseguiu para o Patriarca, encheriam paginas. Principalmente depois da Bulla expedida pelo Papa Benedito XIV, em 13 de dezembro de 1740, que reunia outra vez as duas igrejas, os privilegios concedidos chegaram a tocar as raias da loucura.

Para a sustentação do Patriarcado consignou do Real patrimonio o rendimento das quintas das Minas geraes e das lezirias da Foz do Almonda. Creou novas dignidades que formavam um numeroso cabido, mas não contente ainda, erigiu ainda um collegio de 24 principaes com habito cardinalicio e 72 prelados, divididos em varias jerarquias.

Era um verdadeiro exercito.

D. João V não se cançava de prover imaginosas lacunas no fausto liturgico da sua capela.

Os sinos, então, foram das coisas que mais o preoccuparam e entusiasmaram. Havia-os de todos os tamanhos, de todos os feitios, de todos os timbres e todos tinham as suas atribuições e a sua alçada limitada. Uns tocavam sómente nas grandes festas, outros só dobravam por differentes entidades devidamente especificadas (1). O *Folheto de Lisboa*, já citado no capitulo antecedente, diz-nos que um tal José Jorge que foi levar a D. João V a noticia de se ter finalmente colocado o sino grande na Torre da Capela, fôra imediatamente despachado com uma choruda tença e o logar de sineiro-mór.

A paginas 180 do *Anatomico jocóso* (volume 5.º) veio um estiradissimo romance alegorico dedicado aos sinos da Real Capela ou á Capela Real dos sinos.

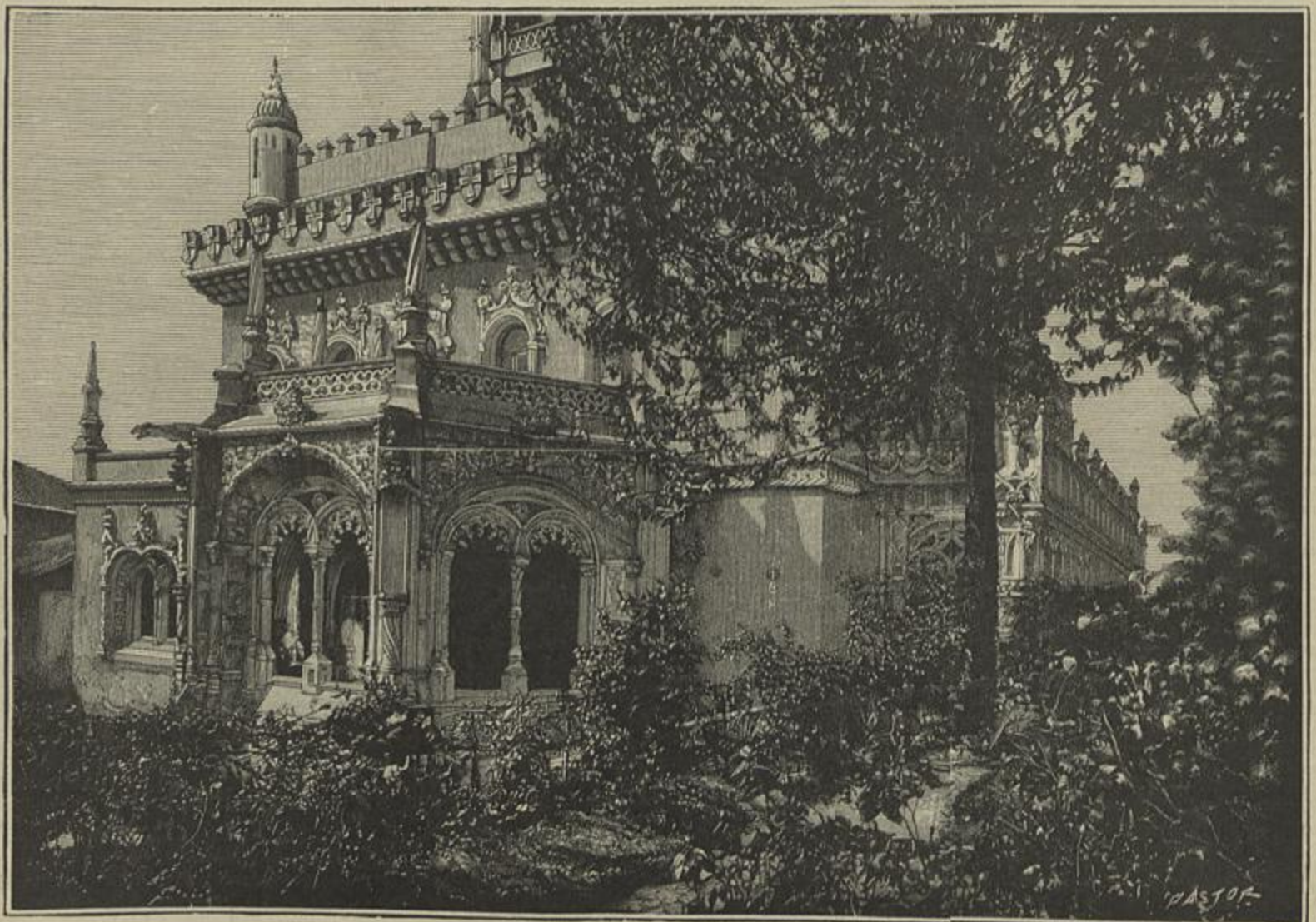
O poeta Alexandre Antonio de Lima, da *Academia dos ocultos e aplicados* celebrou tambem em uma decima o sino grande 600 arrobas, cuja colocação motivara o instituir-se o novo cargo de sineiro-mór (2).

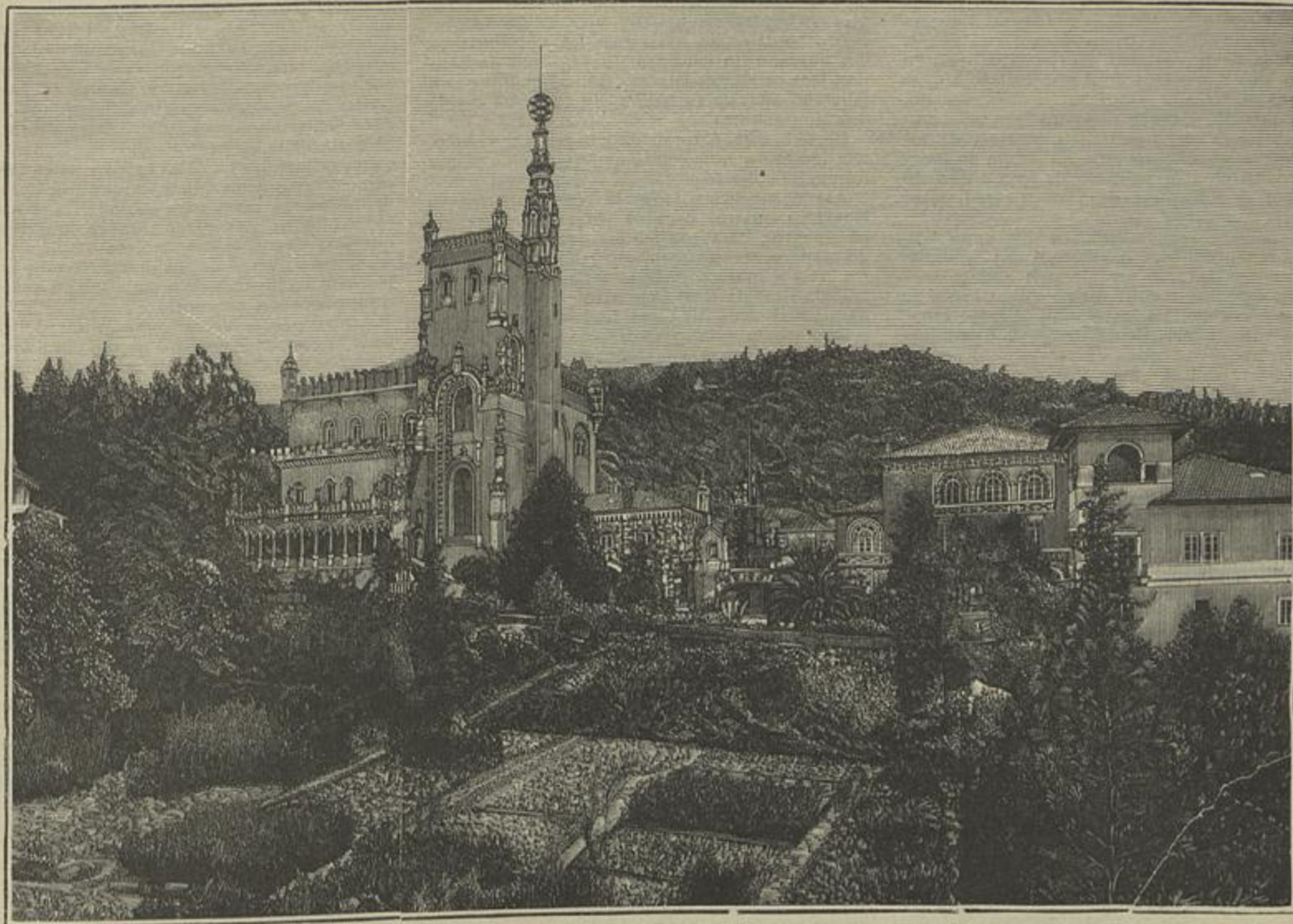
O povo, a burguezia e a nobreza deliravam de entusiasmo com estas bagatellas. Na propria côrte, entre a familia Real não se falava de outro assunto que não fosse referente á nova Basilica, ás bullas de Roma, aos sinos ou ás ultimas solfas vindas de Italia.

Um manuscrito da Bibliotheca Nacional conta-nos que o principe do Brasil, o futuro rei D. José 1.º, era dos que mais se entusiasmavam. Mandára elle vir do estrangeiro um caixote de solfas e desde que fizera a encomenda não largara com emissarios e recados os escrivães da Alfandega, nem desamparava um só momento o oculo com que prescutava das janellas do Paço, a entrada das naus. Mal

UM MENESTREL
Esculptura de Costa Motta para a Sala das Festas do Grande Hotel do Bussaco

(1) Sumario de Varia Historia, por Ribeiro Guimarães.

(1) Mappa de Portugal, já citado.
(2) Mss. B-9-2 da Bibliotheca Nacional, fl. 62 verso.

O GRANDE HOTEL DO BUSSACO
(*De Fotografia*)

Propaganda de Portugal

VISTA GERAL DA MATTA E DO GRANDE HOTEL DO BUSSACO
(De Fotografia)

chegou o volume foram logo as musicas experimentadas. O principe ouvindo-as impava de satisfação. Felizes tempos! (1)

*

A ornamentação da capela do Paço da Ribeira que custara montanhas de dobrões e onde os principes da arte italiana tinham obrado maravilhas, nas alfaias, nos paineis e nos paramentos, começou então a parecer a D. João V digna de outro templo mais vasto e mais monumental que merecesse, diz'o padre João Baptista de Castro, o pomposo nome de Basilica.

Preocupado el-rei com esta ideia, entrou de pensar em erigir uma igreja apropriada para séde do patriarcado e para isso, em 1715, mandou chamar á sua presença alguns fidalgos validos, os ministros e os arquitetos da sua côrte para deliberar sobre a escolha do sitio onde ella se havia de erigir. (2)

Logo a discussão se resumiu a dois locaes — Buenos Aires ou Ribeira de Alcantara, o primeiro apreciadissimo pelos estrangeiros, sadio e arejado, o segundo excellente tambem naquelle tempo. Chamados a emittir a sua opinião os medicos do paço, aprovaram a ideia de se pôr de parte o sitio do Terreiro do Paço, pouco beneficiado pelos ventos que o Castello e os edificios altos lhe interceptavam e opiniaram, entre os dois pelo sitio de Buenos Aires, por que a Ribeira de Alcantara participava de vapores impuros juntamente com o perigo das aguas estagnadas, do cheiro da meresia e de outros contras. Seguidamente os votos dividiram-se. Varios fidalgos, entre elles os marquêses de Abrantes e o das Minas, o conde de Assumar e D. Manuel Caetano de Sousa, alvitraram que se construisse a Basilica no Terreiro do Paço; os condes de Monsão, Aveiras, Ribeira, Valladares e São Lourenço foram de parecer que se preferisse Buenos Aires.

Desta divergencia de opiniões resultou ficar indeciso el-rei e a obra não se realisou, ficando entretanto germinada a ideia e o terreno preparado para que seu filho o principe D. José mandasse fazel-a mais tarde. (1)

*

Quem afinal, tomou a iniciativa e deu azo a que o templo fosse levado a effeito foi o terremóto, um dos mais civilizadores cataclismos que tem havido, destruindo completamente a capela do Paço e todas as preciosidades artisticas ali reunidas pela mão liberalmente magnifica de el-rei D. João V.

Então principiou-se logo a pensar na melhor maneira de remediar o desastre e de instalar provisoriamente em qualquer templo disponivel, a patriarcal e os seus ceremoniaes

O Novo Xá da Persia Mohamed Ali Mirza

(1) Anno Noticioso e Historico. Mss 7-5-10 da B. Nacional.

(1) Mappa de Portugal já citado.

(1) Parece que tambem houve ideia de se aproveitar a cêrca do Aljube para esse fim, por que o Mss da Coleção Pombalina, a fl. 175, intitulado *Memorias Politicas, etc., do Reinado de D. João V*, diz: «*querendo el-rei comprar umas poucas de moradas de casas em o anno de 1738, que haviam defronte do Aljube, para o fim de as demolir, por lhe embaraçarem o terreno em que pretendia fazer a Igreja Patriarcal*».

liturgicos. Pensou-se na igreja do Menino Deus, no convento dos Loios ao Beato, no convento de S. Bento da Saude e decidiu-se afinal, depois de uma longa birra do Cardeal, que era então D. José Manuel, a ponto de resistir ás ordens do Marquês de Pombal, instalar-se provisoriamente a Basilica, na ermida de S. Joaquim, ao Calvario, junta ao palacio dos marquêses de Abrantes (1). Ahi se começaram fazendo os oficios divinos quando, em 21-12-1755, estando-se ás matinas, se sentiu novo abalo. O corpo patriarcal, receioso de novos tremores erigiu um altar no jardim do Palacio e construiu um barracão de lona e taboado onde em 24 começaram de novo os ceremoniaes da igreja lisbonense.

Mas tanto a ermida como o sitio eram acanhados e improprios, e novamente veio á discussão a necessidade de arranjar um templo mais propri), espaçoso e conveniente e encarregou-se o tenente coronel Carlos Mardel de inspecionar o convento de São Bento da Saude e de informar das suas condições. O relatorio do engenheiro foi favoravel á instalação naquele edificio e em 17 de dezembro de 1795 foi dada ordem ao prelado para que se principiasse a transferencia, quando um outro engenheiro, Eugenio dos Santos de Carvalho, opinou contrariamente ao seu colega, alegando serem precisas longas e dispendiosas obras e pondo em duvida a segurança do convento. Em vista d'isto, foi posta de parte aquella ideia e derrogada a ordem anterior até que finalmente o: principaes da Basilica, lembraram, e muito bem, que se escolhesse para a erecção do templo o local conhecido pelas *obras do conde de Tarouca*, no Alto da Cotovia. E foi o que se fez.

*

Acertado o sitio, projectou-se o novo edificio. Mas logo uma difficuldade surgiu inesperadamente. Mal os alveneis tinham encetado os primeiros trabalhos, os donos do terreno, espantados da semcerimonia dos principaes alvitradores, reclamaram contra a conquista e posse ilegal desses terrenos que lhe tinham custado o melhor de vinte e nove mil cruzados e onde tinham dispendido mais de oito mil em obras de desentulho. (2)

O Padre João Baptista de Castro, diz no seu *Mappa de Portugal*, (volume 3.º) que os terrenos foram comprados ao conde de Tarouca, pelo estado para a construção da Basilica. Puro engano e erro imperdoavel do laborioso clerigo que tinha obrigação de bem saber esses negocios.

Os terrenos, como já atraz tive occasião de dizer pertenciam aos jesuitas e foram elles, pela voz do Padre José Rosado que reclamaram contra a sua posse. A reclamação feita pelo padre José Rosado, foi, como não podia deixar de ser, atendida pelos principaes da Santa Igreja Patriarcal que encarregaram imediatamente o engenheiro Eugenio dos Santos de Carvalho de verificar, pelo exame do terreno, os prejuizos feitos pelas picaretas dos alveneis e de fazer a avaliação do quanto se havia de pagar de renda aos legitimos proprietarios daquelles chãos, onde o Conde de Tarouca, projectára fazer um bairro aforando-os para edificações, a razão de 3200 cada um. (3)

Os peritos que examinaram o local foram Felix Diniz, Simão Francisco Pardal, Theodosio Dias Ferro e Thomaz de Azevedo que, segundo o relatorio apresentado em 24-7-1756, declararam serem insignificantes os prejuizos.

Por mais que buscasse não consegui achar o documento elucidativo da renda arbitrada e calculada pelos engenheiros e que a Santa Igreja Patriarcal devia ter pago aos jesuitas; mas é de prever que a pagassem, por que as difficuldades acabaram

Em 8 de junho de 1757 concluiu-se a nova igreja, que Monsenhor Bernardes abençoou e onde Monsenhor Guimarães rezou a primeira missa.

A igreja, segundo a descripção do mappa de Portugal tinha três naves; a primeira com 40 passos de largo e cada uma das outras duas com 18 passos. O comprimento era de 171 palmos, desde a entrada á capela mór. Esta tinha de largo 50 palmos e 20 de comprido. O cruzeiro era oitavado, com 80 passos de largura. Havia nelle duas capelas, que tornavam proporcional a cruz da igreja, cada uma com 40 palmos de largo por 65 de comprido. A do lado do Evangelho servia para deposito do Santissimo e a do lado da epistola era consagrado a Nossa Senhora da Piedade. No corpo da igreja, havia mais duas capellas, uma das quaes, a do lado da epistola, servia de Basilica, fóra os altares lateraes, que eram oito e sem fallar no altar da sacristia e em outro na capela dos Monsenhores.

De todo este, naturalmente imponente templo, não chegou a nossos dias uma vista, uma planta ou um desenho sequer.

As dependencias da igreja eram importantes. Havia 24 quartos para os principaes, casas de paramentos, casas da fabrica das congregações, do tesouro, da armação, etc. Além de três coretos para a musica, onde se faziam ouvir os instrumentistas da Real Capela, que de Italia mandara vir D. João V, havia ainda três tribunas; a primeira para as Magestades, a segunda para as damas da corte e a terceira, sobre o atrio, era unicamente destinada para a familia Real gozar as festividades da igreja, a saida da procissão do Corpo de Deus, ceremonia esta que, ainda em tempos não muito distantes, era verdadeiramente fabulosa.

No angulo da parte do nascente e dentro do recinto havia de ficar a torre (que não chegou a ser construida), ornada de duas ordens de sineiros, tendo ao alto dellas o sino grande, o celebre sino de 600 arrobas da Capela Real que escapára ao terremoto, deixando apenas, ao furor do maior abalo, cahir uma das azas monstruosas.

*

Construido o templo, uma dificuldade apareceu. Onde se havia de instalar o corpo patriarcal, os vinte e quatro principaes, os conegos, os beneficiados, os simples clerigos, os sacristães, os musicos, os meninos do côro, os cantores e as outras entidades que compunham o numeroso pessoal da Basilica? Eram ao todo, em numeros certos, 444 pessoas, a reclamar, a pedir, a solicitar, a exigir alojamentos em derredor da Patriarcal.

Foi grande a perplexibilidade, mas o marquês de Pombal conseguiu remover pouco depois os maiores attritos, e vencer os obstinados e os teimosos mandando ordem de despejo a todos os pacatos moradores das cercanias.

Os avisos expedidos pelo Ministerio do Reino aos corregedores do Bairro-Alto, mandando sair das suas residencias os bairristas da Cotovia, foram ás dezenas. Alguns recalcitraram, alegando escusas e privilegios, demorando assim a saida, pedindo, metendo empenhos, mas o marquês conservou-se inabalavel e o pobre cabeleireiro João de Almada, o chimico Joseph Barão, um retrozeiro e um musico italiano foram mandados afinal sair á força por aviso de 28 de junho de 1759. (1)

*

Alojados finalmente, pelas poucas casas abarracadas que por ali havia, começou a Basilica Patriarcal, sonho doirado de D. João V, a funcionar regularmente sem que nada perturbasse os oficios divinos até ao anno fatal de 1769 em que, pelos ultimos dias de outubro desse anno, um violento incendio pegado um tanto misteriosamente nas casas da armação, destruiu em breve espaço a sumptuosa Basilica, sendo esta transferida, em seguida ao desastre para a igreja de S. Roque e 7 dias depois para o mosteiro de S. Bento da Saude. Ahi esteve até 1771, até que, no proprio dia em que fazia dois annos que sucedera o sinistro, novo incendio se ateou n'uma das dependencias, que felizmente foi atalhado a tempo, ficando apenas destruidas algumas paredes interiores, paramentos e armações. A circunstancia, porém, dos dois fogos se terem dado pela mesma época e ambos com origem na casa das armações deu motivos para o padre Prioste fazer algumas indagações, suppondo que o incendio tivesse sido posto. Bem depressa viu confirmadas as suas suspeitas, encontrando, substituidas por falsas, as franjas e outras guarnições de metaes preciosos dos paramentos e armações. Recaíram imediatamente as suspeitas sobre o armador as quaes adquiriram fóros de certeza, quando mandado este chamar por um seu sobrinho, á presença do padre Prioste, não appareceu, fugindo nessa mesma noite de Lisboa.

Não havia pois duvida. O incendiario da Patriarcal, fôra o armador Alexandre Franco Vicente.

Imediatamente se ordenaram as diligencias necessarias para a sua prisão. Pouco tempo depois era preso em Faro e juntamente com elle uma pobre mulher de nome Joaquina Violante que elle enganára, convencendo-a de ter casado com ella por procuração, como depois se provou e consta da sentença respectiva, mostrando-lhe um documento falso que a fez acreditar na veracidade do fantastico casamento.

Preso e julgado, Alexandre Franco Vicente confessou o crime, dizendo que lançára o fogo de ambas as vezes para esconder as provas dos roubos feitos nos paramentos e armações, os quaes o denunciariam decerto e que para isso escolhera as vesperas dos dias de Todos os Santos por serem dias de grande festa e em que se utilizariam taes adornos.

Attendendo a todos estes crimes foi condenado a ser atado á cauda de um cavallo e, com baraço e pregão, açoitado e conduzido ao sitio da Cotovia, onde n'um poste, previamente ali posto, seria garrotado e queimado, até que as cinzas não deixassem delle a mais leve memoria, sendo tambem condenado nas custas e sellos do processo, nas perdas e danos causados pelo seu crime e na multa de 100000 réis para a Relação e captivos. Por segunda sentença proferida foi mandada cumprir a primeira, eliminando apenas a morte pelo garrote mandando-o queimar vivo. (1)

Tal foi a sorte do famoso incendiario, por cuja mão criminosa o Destino, mais uma vez, não permitiu que se pejasse de casaria aquelle logradeiro que, de *obras do Conde de Tarouca* passou a chamar-se a *Patriarchal Queimada*. (2)

Ainda em nossos dias é assim conhecido por alguns teimosos tradicionalistas e velhos bairristas.

Do incendiario, a despeito do rigor da sentença, ficou essa duradoira memoria e como se isso não bastasse, não ha muitos annos, o falecido escritor Leite Bastos fê-lo heroi de um drama historico. Foi este talvez o mais cruel de todos os suplicios.

G. DE MATOS SEQUEIRA.

LITTERATURA INGLEZA

A ESTRELLA

POR

G. J. WELLS

No dia primeiro do novo anno, tres observatorios differentes assinalaram quasi que simultaneamente, a desordem sobrevinda nos movimentos do planeta Neptuno, o mais afastado de todo os planetas que giram em volta do sol. Já em dezembro Ogilvy havia atrahido a atenção para um retardamento suspeito da sua velocidade. Semelhante nova era pouco de molde a interessar um mundo em que o maximo numero dos habitantes ignorava a existencia do planeta Neptuno. Assim pois, para além do mundo astronomico, o descobrimento subsequente de uma mancha tenue quanto distante, animada na perturbada região não deu motivo ao minimo sobresalto importante. A gente scientifica, contudo, achou que a noticia merecia atenção, antes até de vir no conhecimento de que a mole recentemente descoberta se ia tornando cada vez maior e mais brilhante, que os seus movimentos eram diferentes em absoluto da revolução regular dos planetas e que o desvio de Neptuno e do seu satellite assumia agora proporções sem antecedentes.

E' difficil seja a quem for, não tendo uma tal ou qual educação scientifica, o avaliar com exactidão o consideravel insulamento do sistêma solar. O sol com a sua grainha de planetas, a sua poeira de planetoides e os seus cometas impalpaveis, nada num vacuo immenso, que confunde quasi a imaginação.

Para além da orbita de Neptuno, existe o espaço vazio até ao ponto que o ha penetrado a humana imaginação, sem calôr, luz ou som, o vacuo incolor e tristonho, pelo espaço de trinta milhões de vezes um milhão de kilometros. E' esta a ava-

(1) Na Ribeira de Lisboa, de Julio de Castilho, vem minuciosamente tratada esta teimice d Cardeal e do 1.º ministro em que aquelle se fez, por três vezes, desatendido dos avisos do então Conde de Oeiras. Isto escusa-me maior insistencia no assumpto. Pag. 418 e seguintes.

(2) Mss 141 da Bibliotheca Nacional — Coleção Pombalina — fl. 207 e seguintes

(3) Escritura de aforamento feito a Caetano José Franco, mestre carpinteiro de três chãos na Cotovia, feita em 1746.— Maço 85, documento 10, sob o titulo — Jesuitas — existente na Torre do Tombo.

(1) Livros 6.º e 7.º dos Avisos do Ministerio do Reino, de 1755 a 1760.

(1) Sentença contra Alexandre Franco Vicente. Impresso avulso.

(2) A Patriarchal esteve em S. Bento até 5 de Janeiro de 1772, sendo então transferida para S. Vicente de Fóra, onde casualmente se ateou terceiro incendio, na historica capella de N. S. do Pilar.

liação minima da distancia que seria preciso atravessar antes de alcançar a estrella mais proxima. Aparte alguns cometas menos subtanciaes que a chamma mais tenue, coisa alguma, que chegasse ao humano conhecimento, havia jamais transposto aquelle abismo de espaço antes da apparição, no principio do seculo vinte, d'aquelle estranho vagabundo, vasta mó de materia enorme e pesada e que, do obscuro misterio dos ceus se despenhava inopinadamente na irradiação solar.

Ao segundo dia, para todo e qualquer telescopio que se preza, achava-se elle claramente visivel como um ponto de diametro apenas preceptivel, na constellação do Leão, proximo a Regulo. A breve transe os proprios binoculos a poderam diferençar.

Ao terceiro dia do novo anno, aquelles que, nos dois hemisférios leram os jornaes, foram avisados pela vez primeira da sua importancia real que uma tão insolita apparição nos ceus podia ter. Um jornal londrino intitulou a noticia: *Collissão de planetas*, e publicou a opinião de Duchaine de que aquelle estranho e novo planeta collidiria provavelmente com Neptuno. Os chronistas desenvolveram o assunto; a tal ponto que da maioria das grandes capitaes do mundo, a 3 de janeiro, se achava toda a gente na espectativa, supposto que vaga, de qualquer fenomeno astronomico iminente; e quando, em redor do mundo, a noite succedeu ao crepusculo, milhares de individuos ergueram os olhos para o ceu para ver .. as estrellas velhas e familiares, taes como haviam sido até ali.

Em Londres, appareceu o astro quasi que ao luzir d'alva, á hora em que Pollux desapparece e desmaiam as estrellas: uma aurora d'inverno, uma infiltração de luz involubre que se accumula, e a luz do gás e dos candieiros a brilhar, amarella, nas janelas, em que velevam as gentes.

Avistou-a o policia somnolento; as chusmas afadigadas nos mercados estacaram de boca aberta: os operarios indo para o seu trabalho matutino, os leiteiros, os cocheiros das carroças do correio, os arruadores e noctambulos sem eira nem beira, as sentinelas no seu posto, e no campo, o lavrador trilhando a terra, os ladravazes da caça a recolherem ás furtadellas, por toda a comarca envolta ainda na escuridão e que accordava; no mar, os marinheiros de vigia á espreita do dia, a todos em summa, foi dado ver uma estrella grande, branca, a surgir no ceu occidental.

Era mais brilhante do que toda e qualquer estrella do nosso ceu; mais scintellante que a Estrella do Norte.

Uma hora depois do romper do sol, scintillava ainda mais larga e mais alva, não já uma simples mancha de luz bruxuleante, mas sim um discozinho redondo com um brilho claro e nitido. Aonde não pode alcançar a sciencia, os homens espantam-se e teem medo, contando uns a outros as guerras e os flagélos, presagiados por aquelles signaes inflamados no ceu. Os boers marruazes, os hotentotes retinctos, os pretos da Costa do Ouro, os hespanhoes, os portuguesês, os francêses espionavam na ardencia do sol nascente a desapparição d'aquella estrella nova e estranha.

Em cem observatorios, foi uma sobreexcitação reprezada, demudando a breve trecho em exclamações quando os dois astros distantes, a correrem cá e lá, dir-se-ia perseguirem-se. Lamçaram mão dos aparelhos fotograficos, dos espectroscopios, de toda a casta de instrumentos no intuito de registar aquelle fenomeno tão novo e surprendente: a destruição do mundo. Pois era um mundo, um planeta irmão do nosso, em verdade, infinitas vezes maior que a nossa terra, e que, tão subitaneamente, arremetia para uma morte flammejante. Neptuno fora cabalmente contundido pelo astro singular vindo do espaço exterior e a violencia do choque fizera acto-continuo, dos dois globos solidos, uma vasta móle incandescente. N'aquelle mesmo dia, duas horas antes da madrugada, a grande estrella pallida e esbranquiçada descreveu a sua orbita nos ceus, sumiu-se para a banda de oeste, e subiu o sol atraz della.

E por toda a parte os homens maravilhados; e todavia, entre o conjuncto daquelles que mais se maravilhavam, sobresairam os maritimos, afeitos a contemplar estrellas, e que por essa immensidade de mares, nada sabiam com respeito ao novo astro, e estavam agora vendo qual lua minuscula, subir para o zenith, passar-lhes por cima da cabeça e engolfar-se para oeste com as ultimas sombras da noite.

Quando, de novo, a estrella surgiu por cima da Europa, por toda a parte se achavam congregadas multidões atentas: pelo pendor das colinas, pelos telhados das casas, pelas planicies, com os olhos fitos no leste para verem apparecer a grande estrella nova. Surgiu, antecedida por um resplendor alvacento, tal qual o clarão de um fogo grande e mortiço, e aquelles que a tenham visto apparecer na vespera, á noite, exclamaram, assim que a viram: «Está maior! E mais brilhante!» E de facto, a lua quasi cheia, prestes a desapparecer para alem do orizonte occidental, estava verdadeiramente nas suas dimensões apparentes, fóra da comparação em absoluto; mas, com todo o seu tamanho não tinha tanto brilho qual o tinha agora o pequeno circulo d'aquella estrella nova a par de estranha.

«Está mais brilhante» clamava o gentio, em montões, pelas ruas.

Mas nos escuros observatorios os vigilantes sustinham a respiração permutando olhares interrogativos. «Aproxima-se! diziam, já está mais perto».

E repetiam todos a seguir: «Está mais perto!» O telegrafo, a pouco e pouco foi-se apoderando d'estas palavras; tremelearem ao longo dos fios do telefone, e, em milhares de cidades, compositores de mãos encardidas manuseando o typo: «Está mais perto!» Os individuos que estavam escrevendo, nos escritorios, feridos de estranha inquietação, depunham as pennas; outros que conversavam, em milhares de localidades, aprehenderam a possibilidade inimaginavel da significação d'estas palavras: «Está mais perto!» Foi correndo a eito pelas ruas que acordavam, pelas aldeias tranquilas sob o recamo da geada alvinitente; aquelles que tinham lido a noticia nas tiras do telegrafo para ali se ficavam na soleira da porta ao clarão amarellado da madrugada a transmitirem-n'a aos que iam passando: «Aproxima-se!» As mulheres formosas, frescas e radiantes, ouviram contar o caso á laia de gracejo entre duas viravoltas de dansa e fingiram um interesse comprehensivo que não sentiam: «Mais perto, deveras? E' curioso! Estes astronomos sempre é gente de muito cáco, descobrem cada coisa!»

Os farroupilhas solitarios, palmilhando as ruas durante a noite glacial murmuravam la comsigo estas palavras, para se consolarem, a olhar para o ceu: «E' uma fortuna o ella ir-se aproximando, pois mais fria que a noite, só se fôr a caridade! Que ella, quer esteja ou não mais perto, nem por isso traz mais calor».

—«Que mal me póde fazer uma estrella nova!» exclamava uma mulher lavada em lagrimas, de joelhos ao pé de um defunto.

O estudante, a pé de manhã cêdo para se preparar para um qualquer exame, resumiu o caso em probléma, emtanto a grande e alva estrella fulgia, grande e brilhante, através das flores da geada da sua vidraça: «Centrifuga, centripeta», dizia com o queixo na mão, «detem um planeta no seu percurso, rouba-lhe a força centrifuga, e depois? A força centrifuga apodera-se d'elle e vem cair em cima do sol! e então! «.. Acharnos-ê-mos nós no seu caminho? Não se me dava de o saber!...»

Aquelle dia correu como todos, e com as ultimas vigilias das trevas glaciaes, surgiu de novo o estranho astro. Vinha tão brilhante que a propria lua em quarto crescente em comparação parecia apenas um espectro palido e amarellido, immenso, pairando no crepusculo Numa cidade da Africa Meridional, um individuo de nota celebrava o seu casamento e achavam-se illuminadas as ruas para festejar o seu regresso e o da esposa: «O proprio ceu pôs luminarias!» sentenceou um adulador. Sob o signo de Capricornio, dois amantes de raça negra, arrostando por amor reciproco as feras e os espiritos malignos, tinham-se alapado numa balsa de caniços onde esvoaçavam as luciolas. «E' a nossa estrella!» segredavam, e sentiam-se estranhamente alentados pelo brando clarão do astro.

O Grande Mathematico estava sentado á secretaria a apartar uns papeis. Estavam quasi concluidos os seus calculos. Um frasquinho branco, continha ainda os restos da droga que o mantivera acordado e activo pelo espaço de quatro noites estiradas. Cada dia, sereno, lucido, com a mesma paciencia, fora dar a sua lição aos alunos, voltando immediatamente a infronhar-se nos seus importantes calculos.

Seria a expressão do rosto, algo engelhado e ético por motivo da actividade alimentada de mó-do ficticio. Durante um lapso de tempo dir-se-ia achar-se engolfado em seus pensares. De subito, ergueu-se, foi á janella e içou o estore. Em meio do ceu, por cima do amalgama de telhados, chaminés e campanarios da cidade, o astro a revolutear.

Nelle se infitou tal qual se mira olho a olho um inimigo valente.

(Continúa)

M. Macedo

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos as seguintes:

A separação da Egreja e do Estado, *por D. Francisco de Noronha, Empresa da Historia de Portugal, Livraria Moderna, Lisboa 1906*. Um folheto de 48 paginas.

Nêste folheto o sr. D. Francisco de Noronha, nosso presado amigo e antigo collaborador do Occidente, mostra-se partidario da separação da Egreja e do Estado, declarando abertamente o que pensa sobre esta melindrosa questão, que hoje está agitando a França, tratando-a em these, reforçando-a com a opinião de alguns autores, como Francisco Huet, Tocqueville, José d'Arriaga, Weber e outros.

São muito para ponderar as poucas paginas dêste folheto, em que a exposição é clara, por vezes rude, mas sincera, revelando ao mesmo tempo grande erudição a par do espirito esclarecido do autor.

Candido de Figueiredo. — *Noticia sucinta de sua vida e obras, extraida do Diccionario* Portugal, *com algumas anotações na parte omissa, Porto, Empresa Literaria e Typographica, 1906*.

Um folheto de 24 paginas em esmerada edição, acompanhado do retrato de Candido de Figueiredo. Na literatura portuguêsa ocupa um dos primeiros logares o dr. Candido de Figueiredo, publicista que mais tem enrequecido as letras portuguêsas em suas variadas manifestações desde a poesia até aos aridos estudos forenses, pois a tudo tem chegado a sua actividade e talento, incluindo os estudos sobre a lingua patria, em que é autoridade comprovada por seus livros publicados: *Lições Praticas da Lingua Portuguêsa, O que se não deve dizer, Estrangeirismos, Problemas da linguagem, Falar e Escrever*, etc., sendo bem conhecidos e populares seus estudos que sob este ultimo titulo tem publicado no *Diario de Noticias* e no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro sob o titulo: *Lingua Portuguêsa*, alem do seu *Novo Diccionario da Lingua Portuguêsa* em que recolheu cerca de 45:000 vocabulos, que andavam dispersos e não mencionados nos demais diccionarios da lingua.

A vida de Candido de Figueiredo representa uma vida de trabalho literario como a de poucos de nossos homens de letras, muito sucintamente descrita no pequeno folheto a que nos referimos e cuja oferta agradecemos ao seu editor.

A traição d'um rei. — *Peça n'um acto, por J. Duarte Elias, Porto, Typographia Universal a vapor, 1906*.

Pequeno folheto de 16 paginas, em verso alexandrino. Dialogo entre D. João IV e D. Luiza de Gusmão, em que esta combate a ideia do rei abdicar em seu filho o principe D. Theodosio a corôa de Portugal, casando-o com uma infanta de Espanha, tornando assim a unir-se as duas nações.

O dialogo por parte de D. Leonor, onde bem se manifesta o orgulho da que tinha para si que, *mais valia ser uma hora rainha do que duqueza toda a vida*, nem sempre sustenta a gravidade propria da scena que se passa, descaindo por vezes um tanto no burlesco, principalmente quando fala o rei.

E' uma tentativa pouco feliz do autor, mas continuando é possivel venha a produzir obra de mais folego.

Jardins Coloniaes. — *O Jardim de Nogent-sur-Marne (França) Communicação á Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal em 9 de Dezembro de 1905, por D. Luiz de Castro. Separata da* Revista Agronomica, *orgão da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal*.

No estado da nossa agricultura colonial, tudo que a ella se refira no sentido de a melhorar e desenvolver, deve chamar e prender a atenção dos portuguêses, como a dos nossos governos, aceitando as lições da ciencia e da experiencia, que nos fornecem outros paises não mais coloniaes do que o nosso, e que olham pelas suas colonias como fontes de riqueza e de progresso

Com grande verdade diz o sr. D. Luiz de Castro, na sua *Communicação*: «Jardins coloniaes e ensino agronomico na metropole para assegurar a efficacia da propaganda agricola nos dominios ultramarinos, eis a base scientifica de toda a acção dos Estados que teem colonias e querem garantir-lhes o futuro».

«A Hollanda, á cabeça do rol, tem assegurado d'esta forma o desenvolvimento da sua agricultura colonial. Nenhum paiz tem a organisação agricola das colonias como ella. E' o modelo do

genero. Todas as suas colonias, collocadas na mesma situação climaterica, permittiram-lhe a installação d'esse magnifico estabelecimento de Buitenzorg, em Java, que na sua organisação concentra todos os esforços da colonisação agricola hollandeza».

«A Allemanha possue o fallado Jardim da Victoria que recebe dos Jardins de Berlim a vida que tem».

«Em Inglaterra, a situação das colonias, sendo outra, a sua disseminação variada, é pelo estabelecimento de Jardim botanico em cada colonia que se consegue a propagação de certas culturas e de certas praticas culturaes, tendo todos esses estabelecimentos ligação intima com o magnifico Jardim Real de Kew, na mãe patria. Aqui são preparadas e estudadas as plantas provindas de sementes, que de todo o mundo lhe chegam e que se remettem para as colonias; aqui se fornecem todas as informações sobre determinação, interesse, valor que a exploração de certos productos póde apresentar».

Seguindo ainda a *Communicação* feita pelo sr. D. Luiz de Castro, vêmos que a França, não lhe permittindo a situação das suas colonias espalhadas por varios climas de diferente produção, seguir o exemplo da Hollanda e da Inglaterra, e atendendo á escacez de recursos para estabelecer em cada colonia estabelecimentos especiaes, creou o Jardim Colonial em Nogent-sur-Marne, proximo de Paris, com serviço de informações, serviço dos laboratorios e serviço das culturas.

Este jardim tem-se creado pouco a pouco. Não tem verba no orçamento. Tem-se desenvolvido com donativos dos interessados, o que não impede de já hoje dispender 40:000 francos annuaes que tem compensação nos bons resultados obtidos, sendo as proprias colonias que o sustentam.

E' o que se conclue da interessante *Communicação* feita pelo sr. D. Luiz de Castro, que muito convem ter em vista tanto ás estações officiaes competentes, como aos agricultores das nossas colonias.

MUNZAFFER ED DINE
FALECIDO XÁ DA PERSIA

Tuberculose — *Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, n.º 1, Instituto Rainha D. Amelia, Rua 24 de Julho, Director D. Antonio de Lencastre, secretario geral.*

Este boletim é o orgão oficial da Assistencia Nacional aos Tuberculosos. Nelle se arquiva tudo que respeita a esta grande obra de regeneração social, e se fará toda a propaganda sobre o modo de debelar este mal que vae alastrando assustadoramente, aumentado a olhos vistos a miseria publica.

Como outros males que em tempos avassalaram a humanidade e se combateram e extinguiram por meio de instituições para esse fim creadas, como as Misericordias, as Albergarias as Gafarias etc, sob a iniciativa e tutela de reis e rainhas de Portugal, a tuberculose chamou tambem agora as atenções de uma rainha, a Senhora D. Amelia, para a creação da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, com os seus dispensarios e sanatorios, cujos resultados são já apreciaveis ainda que diminutos, como todas as coisas no começo, tanto mais tendo que lutar contra a rotina e ignorancia. Eis porque é precisa toda a propaganda em beneficio désta santa causa, e é esse um dos fins que o boletim de que nos estamos ocupando se propõem.

Insere este boletim artigos sobre: *Tuberculose e Puericultura*, pelo professor Alfredo da Costa, acompanhado de gravuras demonstrativas de uma mãe leprosa com um filho de 3 mezes, criado a biberon improvisado n'uma garrafa, de que ella mesmo trata e aplica á creança com as mãos ulceradas pela lepra, um horror; *Assistencia á Maternidade; Tratamento da Tuberculose Chronica*, por D. Antonio de Lencastre, tratando em especial da alimentação apropriada aos tuberculosos; *A Alimentação Nacional, inquerito sobre a alimentação de uma centena de operarios e empregados parisienses; o que ella offerece de irracional, insuficiente, insalubre e dispendiosa, e o que poderia ser de racional, suficiente, salubre e economica* por S. Laridouzy e H. Labbée, seguida de quadros demonstrativos da dita alimentação; *O Professor Brouardel*, por C. N.; *Instituto Central Rainha D. Amelia, Dispensario anti-tuberculoso*, noticia sobre a sua inauguração em abril de 1906; *O IV Congresso internacional de assistencia publica e privada, reunido em Milão nos dias 23 a 27 de Maio de 1906; Analyses e revistas; Chronica, etc. Contas da gerencia dos annos de 1904-1905.*